

DOSSIÊ TEMÁTICO

Território conquistado: música de protesto e conscientização

Maria Luiza Carvalho Meireles Brandão¹Juliana Dourado Bueno²

Resumo: Este ensaio foi escrito com o intuito de apresentar um estilo de música composto por mulheres e que a partir do seu engajamento como feministas negras passam a se posicionar neste meio buscando levar representatividade e empoderamento para meninas e mulheres negras. O objetivo é compreender os seus processos e como se desenvolvem as abordagens das vivências femininas negras e sua luta constantes expostas nas “músicas de protesto”. Desse modo, a utilização das músicas politizadas como uma possível ferramenta de resistência que compõe a partir dos contextos dessas mulheres, propõe uma inovação na forma de se discutir sobre temas como machismo, racismo, autoestima da mulher negra e sexualidade. São feitas análises de algumas composições do disco *Território Conquistado* da artista Larissa Luz, também observando entrevistas em que participou. A abordagem desse trabalho é qualitativa: passando pela fase exploratória relativo a autores(as) e cantoras que escrevem em meio a música de protesto, vivências femininas negras, empoderamento e opressões; e pelas análises de dados, sobre vida, concepções e músicas de Larissa Luz. Este trabalho ressalta a importância da inserção das mulheres negras dentro da música de protesto como um espaço em que se é pertinente levar pautas do feminismo negro, sobre resistência, empoderamento e também desigualdades, que por meio deste reverenciam nomes de mulheres relevantes para o processo identitário, assim afirmando que essas músicas contribuem para transformações sociais, além de ajudar no processo das meninas negras que passam a assumir suas identidades e sua cultura.

Palavras-chaves: Representatividade – Música de Protesto; Feminismo Negro; Larissa Luz; Território Conquistado.


Abstract: This article was written with the intention of presenting a style of music composed by women and that from their engagement as black feminists, they started to position themselves in this environment, seeking to bring representativeness and empowerment to black girls and women. The objective is to understand their processes and how they develop the approaches of the black feminine experiences and their constant fight exposed in the "songs of protest". In this way, the use of politicized songs as a possible resistance tool that composes from the contexts of these women, proposes an innovation in the way of discussing topics such as machismo, racism, black women's self-esteem and sexuality. Analyzes are made of some compositions of the album *Território Conquistado* from the artist Larissa Luz, also observing interviews in which participated. The approach of this work is qualitative: going through the exploratory phase regarding authors and singers who write in the midst of protest music, black feminine experiences, empowerment and oppression; and the analysis of data, life, conceptions and music of Larissa Luz. This work highlights the importance of the insertion of black women into protest music as a space in which it is pertinent to take cues from black feminism, on resistance, empowerment and also inequalities, which revere the names of women relevant to the identity process, thus affirming that these songs contribute to social transformations, as well as helping in the process of the black girls who come to assume their identities and their culture.

Keywords: Representativity - Music of Protest - Black Feminism - Larissa Luz - Conquered Territory.

Introdução

¹ Graduanda no curso Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com o objetivo de fazer Pedagogia na terminalidade.

² Socióloga e Cientista Social, possui mestrado e doutorado na UFSCar e fez ainda, doutorado sanduíche na Universidade de Sevilha (Espanha). Prof.^a Dout.^a da Unilab no curso de Ciências Sociais.



Este ensaio foi escrito com o intuito de apresentar um estilo de música composto por mulheres e que a partir do seu engajamento como feministas negras passam a se posicionar neste meio buscando levar representatividade e empoderamento para meninas e mulheres negras. Abordar a música de protesto surge como uma necessidade de expressar um lugar composto por mulheres negras que estão reivindicando sobre sua vida. O objetivo é compreender como se desenvolvem as abordagens das vivências femininas negras nas músicas de protesto, destacando, por um lado, um debate teórico sobre os temas “mulher e política”, “feminismo negro”, “música e política”, e por outro lado, as influências e as composições de uma artista inserida no cenário da “música política”, a cantora Larissa Luz.

Sigo com a hipótese de que as músicas de sentido político escrito por mulheres negras servem de intervenção, no caso, as mulheres utilizam a sua voz como uma ferramenta política se posicionando diante da luta feminina negra. Um exemplo disso são as letras que discutem imposições de uma estética opressora ou também, as imposições da sociedade sobre como a mulher deve se vestir ou se comportar perante a sociedade.

O uso da música de protesto como meio para disseminar conteúdos que remetem à realidade dessas mulheres no que diz respeito à luta cotidiana contra opressões, machismo, sexismo e desigualdades sociais, e também falando sobre sua história e cultura, se faz necessário por conter problemáticas que podem ser visualizadas por todos os públicos. Nesse sentido, é de fundamental importância apresentar artistas que adquiriram sua ascensão em meio a um cenário que ignora, desde muito tempo, certos sujeitos sociais (dentre os quais estão as mulheres negras). A utilização dessas músicas como um possível instrumento de resistência propõe uma inovação na forma de se discutir sobre temas que vêm sendo discutidos nos movimentos sociais e em outros espaços, tais como assuntos relacionados a questões sociais, LGBTQs, a população negra e as mulheres.

As meninas negras por muito tempo sofreram com a falta de representação negra na tv, em mídias, nas lojas, e também com rotulações que definiam o sexo feminino negro. No texto “Protagonismo Ignorado” de Bebel Nepomuceno (2012, P. 404), a mesma relata que mulheres não brancas eram referidas por meio de “rótulos em torno da sexualidade desenfreada e da sensualidade exacerbada” e ressalta também que “os papéis subalternizados, atores e personagens negras na televisão estiveram sempre sub-representados em relação à sua presença na população brasileira”.

Diante disso, quando se tem em vista uma mulher negra que se ascende socialmente e que conquistou um ambiente como o da música, cantando sobre vivências semelhantes, opressões

e lutas cotidianas, falando sobre assumir o *black*, sobre se amar, pode-se haver um incentivo, uma inspiração por parte do público feminino. Se ver representada em canções, vídeos e palcos faz parte de uma construção deste processo de se aceitar e se autoafirmar. É como Kabengele Munanga (apud BUENO, 2016, P. 31) ressalta: “A identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento”. Nota-se então a importância de se existir representações que possam refletir nas realidades das pessoas que não se sentem contempladas com a imagem visualizada.

Para cumprir os objetivos da pesquisa foi empregue a metodologia de abordagem qualitativa, que se aprofunda “no mundo dos significados das ações e relações humanas” (MINAYO, 2002, P. 22). Nesta abordagem há um propósito de observar temas relacionados à sociedade buscando compreender um determinado grupo social. O tema elaborado se trata das vivências e resistências de mulheres negras que cantam e compõem a “música de protesto”, utilizando a sua música como ferramenta política para intervir e “empoderar”³.

A priori, a pesquisa está voltada à importância da música política que aborda vivência e a resistência feminina e o empoderamento de mulheres negras na música, além de tudo, levando sua mensagem para outras meninas sobre a autoafirmação.

O texto está dividido em três partes. Na primeira houve uma busca em compreender o contexto inicial da “Música” e da “Música de Protesto”. Neste sentido, buscamos apresentar a origem da música, como ela passou a ser vista dentro da sociedade até chegar a este contexto de protesto, sobretudo, como os músicos permaneciam com suas letras politizadas mesmo com as repressões políticas da ditadura militar no Brasil; depois analisando como a mulher passou a se pronunciar diante das políticas para mulheres lutando pelos seus direitos, tendo em conta a realidade da mulher negra (especificamente no que diz respeito à posição de trabalhadora em serviços domésticas, comércio e agricultura, e também à condição de chefe da unidade doméstica); e por fim, a entrada da mulher cantando sobre sua realidade nas músicas de protesto, alinhado ao processo identitário das mulheres negras.

Na segunda parte foram retratados nomes de mulheres negras que cantam a música política e foram colocadas algumas concepções de autoras – como Djamila Ribeiro (2018), bell hooks (Apud RIBEIRO, 2018), Collette Guillaumin (1994), Bebel Nepomuceno (2012), Carla Pinsky (2012) - que trabalham com temáticas de gênero, raça e sexualidade. Essas autoras

³ Trago a concepção de empoderamento feminino negro, discutido pela escritora Djamila Ribeiro, (2018, P. 135-136). A mesma coloca o ato do empoderamento partindo da unificação entre mulheres que vão combater as desigualdades de gênero, machismo, racismo, em suma, lutas pelas causas da mulher negras; estando também em uma ação em um conjunto de mulheres que buscam construir diálogos no processo da construção das identidades, no caso, a aceitação e amor diante de sua identidade, cultura, obtendo reconhecimento de mulheres que estiveram na luta cotidiana que trouxeram em sua vivência e ascensão, novas perspectivas para as mulheres de hoje.

trazem em diferentes perspectivas a realidade do sistema brasileiro e estadunidense. Propõem-se diálogos sobre as mulheres negras com relação aos papéis sociais, empoderamento, sobre como se passa a ser necessário se compreender as especificidades das mulheres negras levando-se em consideração as clivagens sociais de raça, gênero e classe, sobre apontando o protagonismo e representações do que é o ser feminino.

Este tópico aborda ainda a presença de corpos femininos nos variados gêneros musicais⁴, partindo para diálogos mais contemporâneos quanto à utilização da luta feminina dentro das composições como forma de expor sua militância na luta contra o racismo, sexismo, e a falta de acessibilidade nos espaços que são predefinidos como masculinos. São citadas algumas musicistas negras que cantam essa música de protesto e com base nelas foram feitas análises sobre suas motivações para as composições.

Na terceira e última parte foram feitos diálogos entre os referenciais do feminismo negro com a cantora Larissa Luz, como uma imagem de representatividade negra que canta dentro dessa perspectiva da música de protesto. Algumas canções do seu disco “Território conquistado” que falam da resistência feminina negra em combate as diversas formas de opressão - o machismo, sexismo, racismo, entre outras discriminações – serão colocados como uma ferramenta política que pode contribuir para novos pensamentos e para conscientização; foram analisadas algumas de suas músicas: “Descolonizada”, “Bonecas Pretas”, “Meu Sexo”, “Violenta”, “Letras Negras” e “Território Conquistado”; e citadas algumas falas de entrevistas da artista como exemplo de mulher negra que compõe e canta sobre suas referências e vivências.

A fase exploratória da pesquisa (MINAYO, 2002, P. 26) foi organizada a partir de análises sobre a artista Larissa Luz. Foram realizadas buscas da artista através de seu site pessoal, algumas entrevistas em revistas, vídeos, canções, nas redes sociais da internet⁵. Além do levantamento do material sobre a cantora, foi feita uma breve pesquisa de campo seguida de entrevista⁶ com a artista em um dos shows no Carnaval de Salvador⁷. Em seguida, partindo para estudos de referenciais que explicassem sobre o sentido inicial da música para a sociedade brasileira, e para compreender como e por quem a “Música de Protesto” era composta.

Seguindo a visão de Minayo (2002, P. 24) o estudo qualitativo reflete na “sociologia compreensiva”, no qual, se faz necessário entender os grupos sociais sem delimitar ou generalizar uma única concepção de mundo como verdade. Ela revela as subjetividades como

⁴ Falo das abordagens iniciais sobre temáticas que se tratavam das mulheres.

⁵ Nos storys do instagram da artista, principalmente, onde é bem acessível e geralmente comenta as mensagens das(os) fãs.

⁶ Essa entrevista está contida no anexo 1, ao final desse ensaio.

⁷ O show foi realizado em Salvador no dia 5 de março de 2019, no Largo do Pelourinho.

fundamentais para o estudo de assuntos da vida social, assim, compreendendo um conteúdo a partir de seus diversos olhares, significará que uma informação descoberta, pode ser sujeita a mudanças com os anos e com as novas interações entre pensamentos. No caso, o conteúdo que aqui está colocado têm base em minhas percepções sobre o assunto, sobre o que foi visto nas redes sociais da própria artista, porém, não deve ser considerada uma concepção imutável.

Analisar as dinâmicas do sentido que a música política propõe, juntamente com as musicistas que procuram escrever sobre sua (r)existência, valorizando sua cultura e ancestralidade e se conscientizando sobre sua afirmação como mulher negra, para levar ao público. Ocorre como um método para transformação em massa de pensamentos ocidentais da sociedade. É importante pensar o diálogo entre fãs e as cantoras, onde buscam um diálogo que aproxima essa ideia de empoderamento.

E por fim, a análise deste tema é relevante para pensar mulheres que em um longo período tiveram seu protagonismo ignorado. Foram artistas, cantoras, escritoras da literatura, rappers, que hoje são reverenciadas a partir da musicalização politizada, dentro do carnaval e nas letras, atendendo pelo ato do coletivo.

1. Música e Política

1.1. Música de Protesto

A música de protesto é um gênero musical que tende a reivindicar e/ou contestar problemáticas do meio político, temas que vão abordar exclusões de grupos sociais, podem discutir práticas preconceituosas, discriminatórias e arcaicas de modo que as pessoas que escutam possam vir a refletir sobre o assunto, assim, resultando em uma conscientização.

A música era caracterizada na sociedade como “cultura”, a sua escrita estava adaptada para o público “erudito”. Ela existia nesse contexto de entreter como forma de arte a sociedade dominante, e também era utilizada nos meios escolares, em igrejas e celebrações. A música também obtinha um sentido “político-ideológico” (IKEDA, 2001, p.1), pensado na perspectiva de grupos políticos das classes minoritárias.

Com base no argumento de que a música possui um determinado poder por parte de um público ou de músicos hegemônicos que determinam o modo que a letra deve ser composta, é possível afirmar que a música também pode ser vista como uma imposição ideológica. É nesse sentido que Georges Balandier (1976) e Ikeda (2001) vão explicar a lógica da escrita destas canções que representam uma forma de poder.

Balandier (1976) revela em seu texto “As dinâmicas Sociais: Sentido e poder”, sobre a “sociologia do conflito”, em que ajuda a compreender o sentido das guerras, das rupturas sociais, do que constrói os movimentos de luta e resistência. Partindo deste raciocínio, ele ressalta ser necessário que existam os conflitos, para que assim hajam grupos de luta e resistência. Analisando no contexto da música, Ikeda (2001) exprime sua concepção sobre o modo que os grupos hegemônicos transcrevem as suas canções. Estas – as letras compostas pela classe dominante⁸ - eram utilizadas em favor de quem estava promovendo-a, desse modo, visando colocar suas crenças, ideologias, ou até mesmo canções que tratavam-se de temas românticos. Falavam dentro de sua perspectiva, diante da questão da classe social e do meio em que vivia, assim, assumindo essa ideia de poder.

Em conformidade com o que está transposto (Ikeda, 2001), as canções escritas pela população de classes sociais mais baixas⁹ - se referindo a tribos, a população mais pobre (negra) e aos participantes de grupos políticos - eram expostas nas músicas as suas crenças ideológicas, o seu modo de vida, e questões relacionadas às desigualdades sociais. Essa era uma forma de intervir nos conceitos adotados pela classe hegemônica e assim, apresentar as vastas identidades dos grupos subalternizados em busca de mudanças sociais. Expunham seu posicionamento engajado na música, resistindo aos padrões culturais e sociais.

Mediante o exposto é possível analisar o potencial deste estilo de música de sentido político. A musicalização, a sua melodia, ritmo, letra e juntamente a questão da movimentação do corpo, podem ser observadas como parte de uma estrutura que reproduz significados, no caso, todo o seu formato contribui para o que a música propõe transmitir.

o fazer musical sempre se vinculou às mais variadas práticas, nas próprias comunidades ocidentais, assim como em outras sociedades, fazendo-se presente nas atividades religiosas, nos momentos solenes e de exaltação coletiva, no trabalho, na educação, nas expressões dramáticas e coreográficas, servindo à demarcação identitária de pessoas, grupos e povos e tantos vínculos mais. [...] (IKEDA, 2001, P. 1)

Seguindo este parâmetro da música, é perceptível que as letras de sentido religioso sobre questões sociais de identidade ou ideológicas possuem uma potencial lógica de poder. Algumas festividades, cerimônias e hinos eram compostos a partir de uma ideologia de Estado de comunidades ou povos, assim, propagando as suas crenças, sistemas, ou até, seu modo de vida.

⁸ Grupo social que sempre possuiu mais poder na definição econômica e cultural dentro da sociedade.

⁹ Grupo social considerado inferior pela sua baixa condicionalidade financeira, ou até mesmo, julgados(as) pela questão racial decorrentes da “colonização”.

Diante disso, a forma de apresentar canções como simbólicas do grupo era uma “prática ideológica” de contar a história da sua comunidade para a mesma, assim, perpetuando a sua cultura.

Partindo dessa ideia de poder que venho tratar – mais a fundo – das “músicas de protesto”¹⁰. Esse termo precisa ser considerado, a partir de uma análise inicial relacionada à música, como algo que foi pensado em um contexto hegemônico, uma arte feita para classe dominante (IKEDA, 2001). Calazans (2012) vai tratar a música de protesto como um “novo gênero” e coloca o período da ditadura como o momento em que a maior parte dos músicos vão compor críticas ao regime militar no Brasil.

Este estilo de música rebate os ideais políticos dos militares. Ela cresce a partir do golpe de Estado ocorrido no Brasil na década de 60 no século XX, de modo que o público da época se depara com letras de teor político por meio das quais são postas suas opiniões, críticas e concepções direta ou indiretamente expostas nas canções. Cantores como Chico Buarque, o próprio movimento da tropicália¹¹ e alguns participantes do Bolsa Nova foram tratados com repressão.

Muitas mulheres já compunham músicas políticas no caos da ditadura sobre debates da sexualidade, direitos da liberdade de toda população, entre outros temas que já lhe incluíam até certo ponto. Porém, é indispensável analisar parte de sua história até chegar neste lugar “libertador da música” onde é possível disseminar as ideias de luta diária das mulheres.

1.2. Contexto da “Mulher política”

Algumas teorias feministas procuram compreender as causas do sistema que é desigual entre homens e mulheres. Com a leitura do texto de Miguel (2014), fica evidente que a desigualdade dos sexos é seqüela de uma sociedade patriarcal¹² e que ainda permanece afetada pela dominação masculina, e a partir dessa informação é possível observar essa relação com

¹⁰ A música de protesto no Brasil surge com o regime militar no ano 1964. Com isso, houve muita censura nos meios artísticos, de modo que outras ideologias que não fossem a dos militares não eram aceitas.

¹¹ É um movimento moderno de músicos que passam a escrever críticas sociais no início de 1967 e sofrem repressão no final de 1968. Os principais componentes eram “Caetano Veloso e Gilberto Gil, além das participações da cantora Gal Costa e do cantor-compositor Tom Zé, da banda Mutantes, e do maestro Rogério Duprat. A cantora Nara Leão e os letristas José Carlos Capinan e Torquato Neto completaram o grupo, que teve também o artista gráfico, compositor e poeta Rogério Duarte como um de seus principais mentores intelectuais.” Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento>> acesso em: 10/03/2019.

⁹ Formato que era constituído o sistema no qual os homens possuíam liderança no âmbito político, privilégios nas funções de poder; Neste contexto que os papéis sociais de “dona de casa” e “mãe de família” ainda eram determinantes para as mulheres.

fundamentos (re)analisando as “questões de gênero, neste sentido, reorientando os nossos valores e critérios de análise” (MIGUEL, 2014, P. 17).

Por muito tempo mulheres não possuíam condição de expressar seus pensamentos, reflexões ou opiniões referentes à sociedade ou até mesmo sobre como eram tratadas. Com a chegada da Revolução Francesa é que ocorre o início de um pensamento feminista “político e intelectual” (MIGUEL, 2014, P. 20), libertário e antissexista de combate aos paradigmas implantados na época.


Pensar a mulher e a política, dentro da perspectiva feminista, significa analisar os paradigmas definidos para o sexo feminino como “donas de casa” e “mãe de família”. Miguel (2014, p. 17) expõe que “O feminismo [...] combina a militância pela igualdade de gênero com a investigação relativa às causas e aos mecanismos de reprodução da dominação masculina”. No caso, compreender a dominação ganhou sentido, justificando as atribuições determinadas a mulher.

Quando as mulheres francesas procuravam entender os motivos que levavam a sua exclusão, estava direcionado a uma visão da mulher branca de classe média ou alta. Essa perspectiva coloca todas as mulheres em uma classificação universal, sendo que existem variações nas opressões vivenciadas por cada mulher, digo, mulheres das diversas etnias/raça, classes, sexualidade (RIBEIRO, 2018, p. 123).

Partindo do exemplo de uma mulher negra e ex escravizada “*Sojourner Truth*”, que no ano de 1851 participou de uma reunião de pastores, os quais, inferiorizaram as mulheres como quem não tinha os mesmos direitos que os homens, colocando-as como frágeis, seres sem inteligência, a mulher permanecendo no lugar de primeira pecadora, ainda associado ao fato de Jesus ser um homem e não mulher.¹³ São essas falas que fizeram a Sojourner Truth pronunciar:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem — quando tinha o que comer — e aguentei as chicotadas! Não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos, e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou eu uma mulher? (TRUTH apud DJAMILA, 2018, P. 51-52)

¹³ Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em 06 de março de 2019.



Analisar este caso que ocorreu no ano 1851 e que já trazia uma percepção relacionada a um feminismo universal, na perspectiva atual do termo, sem reconhecimento às vivências femininas negras, onde já se percebia uma diferença de tratamento com as mulheres brancas. Era essencial refletir todas as vivências femininas, sem colocar suas desigualdades ou opressões em um mesmo nível, algo que ainda não era observado pela mulheres sufragistas que lutavam a partir do que remetia a suas necessidades, dentro de seus contextos.

A compreensão da mulher no espaço político é de extrema importância para se entender a proposta deste ensaio, que visa analisar a mesma dentro do contexto da música de protesto, mais especificamente, dentro de uma realidade não tão observada em trabalhos acadêmicos ou em alguns ambientes da sociedade, sobre as mulheres negras que estão adentrando neste espaço de resistência.

1.3. Mulher na Música de Protesto.

As mulheres passam a se inserir neste meio da música de protesto como possíveis transformadoras para mudança da realidade, como forma de combate ao racismo, sexismo e as diversas formas de violência desse modo ajudando outras garotas.

Um dos movimentos da música de protesto, no qual será analisada com mais profundidade, tem a ver com o rap de protesto feminino. O rap teve seu início entre os anos 1960 e 1970, como forma de levantar debates da “valorização da cultura e na busca da autoestima da população negra, diante do preconceito racial” (IKEDA, 2001, p. 4).

No passar dos anos, mulheres vão sendo vistas dentro desse novo “gênero musical”, mesmo diante do machismo e preconceito, reflexos da sociedade dominante que ainda inferiorizava as mulheres (OLIVEIRA E CUEVAS, 2018). Neste sentido, com a passagem do século XX para o XXI as mulheres negras neste cenário da música de protesto passaram a obter mais visibilidade, assim, se juntando aos debates dos movimentos feministas da época.

A cantora Luana Hansen fala da importância da sua música para seu público feminino, como alguém que um dia esteve no público e tinha uma urgência em ver uma imagem representativa, e agora que está neste lugar, tem o orgulho de se referir como uma “feminista do rap” e dizer “Eu sou mulher preta, periférica, sapatão”, assim, se sentindo contente com a resposta positiva de suas fãs (HASSEN apud CUNTO e BOGADO, 2018).

As musicistas do gênero “rap” que fogem do padrão e estereótipo da música romântica e entra nesse contexto das canções tratando de assuntos pessoais, expõem suas vivências femininas na música e assumem o ato de disseminar suas ideias quanto as suas lutas sociais,

resultados das opressões e violências do machismo¹⁴. São essas, as maiores pautas das mulheres dos movimentos feministas.

Desvelar este assunto muito importante que é o processo de construção da identidade, como parte de uma percepção e aceitação sobre si, é abordado pelo autor Kabengele Munanga (apud BUENO, 2016, P. 31). Ele fala da importância de se existir representações que podem refletir nas realidades das pessoas que não se veem, como por exemplo em espaços midiáticos. Quando se vê uma imagem de alguém que vem de vivências e opressões parecidas, obtendo uma ascensão ou conquistando espaços onde não era tão visado, quem o assiste pode se sentir capaz de chegar aonde quiser. É nesse sentido que ele coloca “A identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento”. A sua concepção diz respeito, justamente, a essa imagem que pode ser positiva a um público que está nesse processo de reconhecimento.

É dessa forma que penso o trabalho de artistas que utilizam da música de protesto como um ambiente de empoderamento, o que segundo Djamila Ribeiro (2018) é o ato de pensar e buscar ajudar uns aos outros. Portanto, o modo que estarão “empoderando-se”, em suma, seria uma ação coletiva dentro da concepção do feminismo negro.

2. Música e Feminismo Negro

No percorrer dessa segunda parte do texto, o que será abordado consiste na presença de corpos femininos dos variados estilos musicais partindo para diálogos mais contemporâneos quanto à utilização da luta feminina dentro das composições como forma de expor sua vivência e militância na luta contra o racismo, sexismo, e a falta de acessibilidade nos espaços que são predefinidos como masculinos.

Algumas mulheres já cantavam algumas músicas compostas por homens, só que ainda não possuíam uma boa repercussão neste meio. Suas próprias escritas e fama demoraram a surgir. A mulher na música de engajamento político – em meio ao caos da ditadura - tratando de temas que já lhe incluíam até certo ponto já começaram a adentrar no meio, haviam alguns nomes conhecidos como de Chiquinha Gonzaga com suas próprias canções, Joyce com “feminina”: “Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?”; o grupo As Frenéticas cantava “Eu sei que eu sou/ bonita e gostosa...”, porém, ainda com suas letras escrita por homens. Anos depois, Rita Lee compunha suas letras a partir de temáticas sobre a mulher, o

¹⁴ Ato de oprimir mulheres por questões culturais e arcaicas, colocando-as em um lugar de inferioridade e com papéis definidos para as mesmas como “dona de casa” ou “reprodutora”, incapacitando-as em outras possibilidades ou formas de vida além do imposto.

que ainda era considerado tabu.¹⁵ Nesse sentido, é indispensável analisar parte da história até chegar neste lugar libertador da música, onde passa a disseminar sobre os direitos sociais e desigualdades de gênero.

Segundo o compositor Aaron Copland, nascido no início do século XX, “[...] todo artista tem o direito de fazer sua arte de uma emoção que realmente o comove.” (COPLAND apud IKEDA, 2001, p.4). O que Copland propunha nessa época, trazendo para uma compreensão atual, tinha a ver com uma percepção pessoal ou de um conjunto de realidade(s) vivenciada(s), assuntos que lhe sensibilizavam.

A cantora Larissa Luz é um exemplo de artista que coloca suas vivências e a de outras mulheres negras, fala sobre mulheres literárias, poetisas e cantoras negras que lhe representam e ainda abordando questões de sua cultura ancestral africana na sua música, dentro do que propõe no seu trabalho, na composição e também nos shows, como “ferramentas políticas” (TV UFOP, 2018, 1:13). Nesse sentido, o modo que utiliza esses conteúdos na letra são uma forma de disseminar sua arte fundamentada e contrariam ideais machistas, racistas e sexistas, assim dialogando com meninas que vivem as mesmas opressões e tendo como finalidade de apresentar essas personalidades importantes para uma aceitação e empoderamento de si mesma¹⁶.

Neste sentido, preciso colocar o fato de que há um número crescente de mulheres negras na música brasileira que expressam em suas letras os seus contextos e vivências na música. Cantoras como Mc Carol, Karol Conka, Tássia Reis, Kmila CDD, Mc Soffia, Luana Hansen, Karla da Silva, Hellen Oléria, Preta Rara, Iza, Negra Li, Elza Soares, Rosa Luz, Lay, Drika Barborsa, Gabi Nyarai e Yzalú, entre tantas outras que vêm apresentando sua militância por meio das canções.

A autora Collette Guillaumin (1994) aponta em seu texto “Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos: A respeito da raça e do sexo” o contexto dos discursos machistas e sexistas dos homens brancos que inferiorizam a população negra a determinados papéis, a autora expõe no seu texto papéis que eram atribuídos ao sexo feminino, classificada pelas suas características naturais como “mãe de família e dona do lar”.

No cenário machista do rap, onde muitas mulheres negras estão inseridas com muita persistência, há uma luta constante para sua permanência. Pinsky (2012) ressalta a importância de se compreender o contexto das mulheres de acordo com padrões que foram um dia

¹⁵ Disponível em: <<http://www.revistamusica brasileira.com.br/homenagens/mulher-protagonista-na-musica-brasileira>>. Acesso em: 13/03/2019.

¹⁶ Disponível em: <<http://catarinas.info/larissa-luz-e-o-territorio-conquistado-gente-precisa-ser-de-verdade/>>. Acesso em: 06 de março de 2019.

designados a elas. As mulheres novamente são colocadas - neste cenário do rap - no seu “papel natural” – como quem não pode fazer suas rimas ou falar o que quiser.


É pertinente falar sobre o que as musicistas negras em diálogo com autoras – também negras - propõem partindo de suas vivências e críticas ao sistema excludente a seu sexo, principalmente sobre sua raça. Bebel Nepomuceno expõe justamente a realidade das mulheres que tiveram seu “Protagonismo Ignorado”, diante de toda a sociedade branca que dominava os espaços e negava a acessibilidade para mulheres negras lhes deixando apenas em trabalhos menores e negando sua existência como um ser pensante e que só vem obter poder com os movimentos negros, o que é recente.

As mulheres passam a conquistar o seu espaço dentro da música também a partir da musicalização politizadora, dessa forma, conscientizando uma massa de mulheres que passam a se enxergar nas canções, desde características e sensações em comum às cantoras, sendo este diálogo entre o músico e o fã de extrema importância, assim, refletindo as novas concepções adquiridas pelas letras. Sob o mesmo ponto de vista, a cantora Karol Conka discursa em uma entrevista ao jornal Estadão sobre como “A representatividade diminui traumas, suicídios, depressão. A gente é mais feliz quando se aceita. Quando tem um artista falando de aceitação, fica mais fácil se identificar[...]” (OLIVEIRA E CUEVAS, 2016). Trata-se de uma imagem que remete a sua história de vida exposta na música, de forma que sua representatividade neste meio como feminista negra, empoderada e engajada na luta contra a opressão, apontará para possíveis concepções críticas do público a quem a música está destinada.

As críticas colocadas nas músicas tem a ver com quem está passando a mensagem, visto que ela – a música – estará destinada para um certo grupo de mulheres que ao se inserirem neste meio, onde se vê uma imagem representativa que se ascendeu, cantando sobre empoderamento dos cabelos crespos, sobre sua autoaceitação, sobre não aceitar o seu corpo como um objeto hiperssexualizado, dizendo que todas as mulheres negras podem sim estar em qualquer lugar social, esse estará – portanto – caminhando para um ato de empoderamento.

O feminismo negro reproduz a ideia da militância, como algo que é coletivo (DJAMILA RIBEIRO, 2018), estando atrelado a um sentimento de equidade entre as meninas e mulheres negras. bell hooks (apud DJAMILA RIBEIRO, 2018) vai dizer que deve ser implementada no cotidiano uma “mudança social”, de modo que a luta de todos(as) seja interseccionada, havendo debates que combatam o racismo e sexismo.

Uma das formas de tratar a luta de mulheres negras na música no século XX é reconhecida como "rap de protesto" (OLIVEIRA E CUEVAS, 2018). As mulheres começam a expressar



nas letras o seu posicionamento – quanto a sua luta antirracista e antissexista – a partir de uma adaptação para entrada neste espaço tão machista. Muitas mulheres tiveram que assumir certas características praticadas pelos homens que vivem neste meio, para isso tiveram que cantar de “forma mais agressiva, em um tom de raiva” (OLIVEIRA e CUEVAS, 2018).

[...] Esses trabalhos são conseqüentemente discriminados como estranhos, desconfortáveis, sendo muitas vezes apontados como muito íntimos, pessoais demais, ou ainda provavelmente, primitivos, subdesenvolvidos...ou simplesmente ruins (LUCATELLI apud CUNTO e BOGADO, 2018, p. 184).

Em resumo, o que está sendo apresentado por Lucatelli em conformidade com as autoras e cantoras/compositoras citadas neste tópico tem relação com o cotidiano vivenciado por mulheres que escrevem em combate às imposições determinadas ao seu sexo. O estranhamento já exposto neste texto, ocorre novamente por parte de um público desacostumado a ouvir mulheres pedindo por equidade. Pode-se pensar que essa inserção das mulheres dentro deste espaço masculinizado possui um estranhamento do tipo que ocorre há séculos, desde a participação das mulheres em atividades e trabalhos dentro da sociedade, e no caminhar do século XX para o XXI, tem sido vistas mais cantoras dentro do estilo de música política.

Algumas musicistas negras engajadas na luta social buscam ecoar para todo o seu público a sua leitura e compreensão – seus argumentos – obtidas a partir de seu posicionamento perante as suas realidades, para assim dialogar com outras mulheres. É necessário pensar intrinsecamente a interseccionalidade, para que as especificidades sejam agregadoras as causas. E nesse ensaio aponto justamente para cantoras negras que cantam para meninas e mulheres negras, elas cantam um feminismo inclusivo e empoderador¹⁷.

É neste processo de utilizar as músicas como ferramenta de luta social que suas opressões e violências sofridas podem ser escutadas e refletidas. Partindo do pressuposto de que meninas e mulheres negras podem vir a se sentir incluídas nas causas feministas e de alguma maneira representadas dentro dessa perspectiva do “feminismo interseccional” que vai atender as suas especificidades – é um lugar que ela pode se sentir encaixada na causa social, sem haver uma segregação da luta feminina.

Mediante o exposto, o que será colocado no próximo capítulo vai abordar o engajamento dentro da música da cantora Larissa Luz, um exemplo de mulher negra que usa de sua música

¹⁷ Para mais informações, relacionado ao empoderamento do feminismo negro, ler Djamila Ribeiro, o capítulo “O que é o empoderamento feminino, P. 135-136).

para disseminar suas ideias e possui todo um estudo juntamente a uma antropóloga para usar como base em suas canções.

3. Larissa Luz: “Arte como ferramenta política”

Nesse último tópico abordaremos a vivência de uma mulher negra nascida na cidade de Salvador, a cantora e compositora Larissa Luz. Foram feitas análises de suas músicas, de vídeos e entrevistas no que remete ao seu trabalho e engajamento político contido nas letras. Durante a entrevista feita para a TV UFOP, publicado no dia 19 de julho de 2018, ela ressalta:

“Resolvi escrever, fazer da minha arte ferramenta política por conta da minha vivência”¹⁸

Em outra entrevista feita ao blog “O Povo”, no dia 4 de julho de 2018, a artista fala sobre a sua música como forma de levar um pouco da cultura negra para o público. Justifica as temáticas abordadas nas músicas relacionadas ao “mundo cultural, artístico, ancestral, negro”¹⁹ como uma maneira de trazer mais pessoas para “fortalecer a luta” em prol das lutas dos movimentos negros. Seu formato peculiar visando levar argumentos, vivência a partir de representações femininas que foram essenciais para o seu processo identitário, podendo servir nesse sentido para outras meninas negras.

Este processo identitário seguindo o raciocínio de Stuart Hall (2009), juntamente a música de protesto tratada por Ikeda(2001), estaria se referindo ao público que escuta as canções politizadas que se tratam sobre as vivências de mulheres negras, assim, havendo a possibilidade de que sejam potenciais influenciadores das práticas culturais e/ou da identidade. Com o formato da música de Larissa Luz em que revela representatividades femininas que foram e são importantes para a mesma, buscando levar seu público a se autoafirmar, se autoaceitar, amar sua cultura, apresentando também uma conscientização social para todo o seu público, para que compreendam as diferentes possibilidades e vertentes da culturas negra.

Seu formato peculiar escrevendo, cantando e dançando expondo as variadas formas da arte em seus *shows*, são um conjunto que expressa/discursa a sua escrevivência²⁰ como mulher soteropolitana negra. Larissa Luz ressalta o seu processo na música, suas vivências como

¹⁸ TV UFOP. Entrevistas Larissa Luz tv ufop. 2018. (1:13). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sSTPRAGbidk>>, Acesso em: 18 de out de 2018.

¹⁹ Informação de uma entrevista ao “blog o povo”. Disponível em: <<http://blogs.opovo.com.br/reporterentrelinhas/2018/07/04/larissa-luz-fala-sobre-novo-album-racismo-e-exterminio-do-povo-preto/>>. Acesso em: 18 de março 2019

²⁰ Este termo é conhecido pela autora literária Conceição Evaristo. A mesma define o termo como uma forma de passar uma mensagem a partir de sua vivência e realidade, também colocando que o ato da escrevivência pode ser na forma oral, de escrita e através dos movimentos. – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>> Acesso em: 09 de março de 2019.

“coisas que me fizeram entender a importância do meu reconhecimento enquanto mulher negra, e do meu papel social no lugar de artista”. Essa ligação entre as artes e as performances apresentadas pela cantora e dançarinas nos *shows*, remetem a uma ideia de que a mensagem colocada na música poderia atingir da melhor maneira o seu público²¹. É desse modo que cantora se entende como uma artista que tem o potencial de passar sua mensagem através das diversas artes. É algo que Copland (IKEDA, 2001, p.4) apontou como o que lhe emotiva, decorrente de um conjunto de realidade(s) vivenciada(s) que instigam a escrever sobre esses assuntos. Isso é notório nas falas da cantora Larissa Luz, ao denominar sua arte como um “papel social”, tendo em vista seu objetivo que visa uma conscientização social.

3.1. Origem e sua participação na música

A baiana Larissa Luz, nascida em 15 de maio de 1987, surge na música a partir de seus 15 anos cantando em uma escola de teatro, aos 16 se interessa pelo gênero do “rock” onde se identificou nesse modelo de música de intervenção que combatia desigualdades e não aceitava o formato do sistema excludente para grupos minoritários, as desigualdades sociais e de gênero. A artista também cantou em barzinhos, e por fim, em 2007, é chamada para entrar na banda Araketu e lá permanece até 2012²².

No ano de 2016 produz um disco que contém um conteúdo mais voltado para a sua realidade. Já engajada nas causas sociais dentro dos discursos do feminismo negro, expôs em suas canções a sua vivência como mulher negra, nomes femininos da arte, da literatura e do rap que pautam resistência e empoderamento, entre outros temas voltados as opressões sofridas pela mulher, desde o machismo, racismo e a hiperssexualização do corpo negro. Partindo dessas temáticas colocadas em suas letras, sendo a música política um meio

De um lado, como elemento de distinção e identidade classista, servindo aos processos de dominação ideológica, de outro, como contestação destas e/ou como motivação para ações que visam a transformação da sociedade e também como forma de identidade e resistência, ou, ainda, apenas para o desvelamento da realidade (IKEDA, 2001, P. 5).

²¹ Vídeo que a cantora expõe seu formato de apresentação. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5EYIU6x8K3k>>. Min: 27:46 Acesso em: 08 de março de 2019

²² Informações tiradas de sua entrevista ao Catarinas. Disponível em: < <http://catarinas.info/larissa-luz-e-o-territorio-conquistado-gente-precisa-ser-de-verdade/>>. Acesso em: 08 de março de 2018.

Esse conteúdo “serviria de inspiração” (Larissa Luz, 2018) para meninas e mulheres negras que sofriam e sofrem as mesmas opressões e estigmatizações dentro da sociedade brasileira.

3.2. Análises das letras: uma arte de transformação social

Neste tópico serão feitas análises de algumas músicas²³ contidas no seu disco de 2016 *Território Conquistado*: “Descolonizada”, “Boneca Pretas”, “Meu Sexo”, “Violenta”, “Letras Negras” e “Território Conquistado”, visando destacar trechos que condizem com o que foi dito neste trabalho. No caso, serão citados os diálogos com as pautas das mulheres negras, sobre empoderamento, racismo, sexismo, machismo, sobre a estética feminina, as representações femininas, sejam elas autoras ou cantoras, entre outros assuntos.

Em algumas das suas canções – com a ajuda da antropóloga Goli Guerreiro - ela tinha como base personalidades negras que contribuíram para a construção do seu disco, a partir de seus textos, falas e vivências. Foram homenageadas cantoras, poetisas e literárias, para a fundamentação de seu trabalho, mulheres que para a artista são essenciais para o seu processo de empoderamento, modelos que trazem referência e representatividade. Trago como exemplo algumas cantoras e escritoras que são destacadas em algumas músicas do seu disco ou no próprio nome do CD, que possui um significado importante para abrir os debates. São elas: bell hooks, Chimamanda Adichie, Carolina Maria de Jesus, Nina Simone, Elza Soares, entre outras.

O título do disco se chama *Território Conquistado*. Larissa Luz revela em uma entrevista feita a revista *Catarinas*, no dia 23 de abril de 2017: “O nome do disco vem de um texto de bell hooks, no qual ela fala que a mulher negra tinha o seu cabelo como um território a ser conquistado. A partir do momento que a gente se gosta, já conquistou.” Seguiremos agora, com algumas percepções obtidas na letras em diálogo com referenciais desse ensaio.

Início ressaltando a importância dessas canções que possuem finalidades, no caso da canção “Descolonizada”, o trecho “Não deixe que tentem te colonizar / Te converter, te doutrinar / Te alienar... / Eu quero voar... / Escrever o meu enredo”, o que se aparenta ocorrer durante toda a música é um conselho entre alguém com mais experiência com uma garota mais nova, ensinando a ser decidida sobre si mesma, não aceitando imposições sobre suas crenças, procurando criar o próprio rumo que vai seguir ao longo da vida, aceitando a sua identidade como mulher negra .

²³ Todas as letras foram retiradas do site de Larissa Luz. Disponível em: <<http://www.larissaluz.com.br/territorioconquistado/index.html>>. Acesso em: 22 de março de 2019. Vol. 02, N. 03, Jul. - Set., 2019 · www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh

A frase “Liberdade é não ter medo!!” pronunciada pela cantora Nina Simone²⁴ e reafirmada por Larissa Luz nessa mesma canção, está relacionada ao que seria essa liberdade de ser como realmente é, se apresentando como alguém que tem seus ideais e aconselhando as meninas a não aceitarem práticas de doutrinação, alienação ou conversão. Nesse sentido, essa perspectiva estaria fugindo do padrão estético colonizador e mulheres negras estariam assumindo sua caminhada, saindo de uma imposição do modo de vida branco.

A música “Descolonizada” visa muito sobre algo que é destacado pela autora Djamila Ribeiro (2018) com relação ao ato do empoderamento, no qual, de um coletivo de mulheres empoderadas, podem vir a empoderar outras.

Na letra “Bonecas Pretas”, afirma: “Referências acessíveis é poder pra imaginar”.

Essa canção vai recair muito sobre a temática do que é simbólico para a aprendizagem das crianças, do que aparece nas mídias e a quem esta contempla. O cantar “Procuram-se bonecas pretas, procura-se representação” é um grito que ecoa pela mente de quem não se vê frequentemente inserido nos espaços, seja no trabalho, na mídia, no cinema ou até mesmo em lojas. Quando visualizados nestes ambientes, são bastante escassos para a população negra.

O que a música propõe está relacionada ao poder de imaginar novos contextos para o ouvinte. Essa letra transpõe como sempre foram produzidas e vendidas as bonecas brancas, como se fosse a única realidade dos seres humanos, em questão de raça/etnia. E é exatamente como a cantora Larissa Luz expõe na letra sobre a necessidade de haver brinquedos como estes nas lojas, de modo que resulte em uma “identificação transformadora”.

Em parte da música “Meu sexo” Larissa Luz coloca o seu posicionamento “Eu não abro mão do meu sexo” quanto a uma mulher que não quer ser privada de certos movimentos corporais, determinadas danças que são consideradas “vulgares” ou que poderiam ser compreendidas como uma “provocação aos homens”.

“Quero acontecer sem ter que dizer: / Ei!! É o meu sexo!!! / Quem disse que é pra você?!”

Seguindo com os parâmetros da sociedade do século XIX, a autora Ana Claudia Lemos Pacheco (2015), cita falas de duas mulheres do movimento negro que abordam como a sexualidade feminina negra era considerada nessa época. Ela relata a perspectiva de bell hooks (Apud PACHECO, 2015, P. 11), dos Estados Unidos, em que as mulheres negras eram percebidas como “só corpo, sem mente”, eram forçadas a obter filhos durante o processo de

²⁴ Cultura Livre – Larissa Luz. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5EYIU6x8K3k>>. Acesso em: 08 de março de 2019. Min: 5:54.

escravização para que nascessem mais escravos, assim impondo a ideia de que não possuíam controles sobre seus corpos.

O que foi complementado por Pacheco (2015): “as negras estão vinculadas, quase sempre, aos estereótipos de servilismo profissional e sexual semelhante”. Em conformidade com bell hooks, é exposta no texto de Luíza Gonzáles que:

A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho” [...] produto de exportação. (GONZÁLES apud PACHECO, 2015, P. 11)

Esses estereótipos postos para as mulheres negras, dialogando a música e as três concepções de Pacheco, hooks e Gonzáles, com o que Miguel (2014) aponta sobre as abordagens feministas das teorias do patriarcado, que surgiram do domínio masculino. São questões para se pensar a realidade atual da mulher negra, na qual mesmo obtendo mais força para intervir com sua voz, ainda não obtém o respeito sobre seu corpo durante uma dança, ainda é justificado um estupro pela sua vestimenta.

No final dessa música “Pelve solta é equilíbrio/ Me descobro ao me mexer/ Sinto meu quadril querendo balançar sem restrição/ É a realidade do meu corpo/ Busco uma conexão!!”, surge de uma ânsia em movimentar o seu corpo, ligada a ancestralidade.²⁵ É algo natural para si a movimentação do seu corpo sem impedimentos ou formatos de dança, sem que o seu corpo esteja exprimindo necessariamente um significado com conteúdo erótico e sexualizado.

A hiperssexualização do corpo feminino é algo cotidiano, tem relação com o modo que a mesma é tratada perante uma sociedade machista que atribui sentidos a sua forma de se vestir, suas ações, seu modo de dançar. São características que refletem um sistema opressor, no qual, as causas da hiperssexualização geralmente são justificadas a partir de como as meninas se vestem ou pelas suas atitudes. Muitas pessoas acusam as mesmas como se expusessem, ou como se estivesse dando liberdade para que fizessem ou falassem o que quiser do seu corpo.

Trago como exemplo uma festa que leva discussões sobre gênero, racismo e sexismo, em que há mulheres que utilizam da sua voz como ferramenta de conscientização social em uma festividade que ocorrem assédios, estupros, importunação sexual, desse modo, trazendo insegurança para as mulheres que vão curtir os shows. O Projeto “Respeita as Minas” se faz

²³ A referência dos movimentos corporais nascem do contexto africano, no qual, as crianças dançam e mexem seu quadril como uma forma de se conectar com seu “ancestral”. Disponível em: <<http://catarinas.info/larissa-luz-e-o-territorio-conquistado-gente-precisa-ser-de-verdade/>>. Acesso em: 08 de março de 2019.

necessário por compreender a importância de se tratar da mulher no carnaval. Nesse projeto Larissa Luz está presente como uma das fundadoras e organizadoras desde 2017. Ele ocorre no período do carnaval na cidade de Salvador, tendo em vista que foi iniciado pela Secretaria de Política para Mulheres da Bahia do Governo do Estado da Bahia.

No primeiro ano, em 2017, as participantes do trio foram as cantoras Larissa Luz, MC Carol e Tássia Reis, no segundo ano, em 2018, foram as cantoras Larissa Luz, Pitty e Karina Buhr, e por último, em 2019, houveram três shows das “Ayabass” uma banda composta por mulheres negras, as cantoras Larissa Luz, Luedji Luna e Xênia França. Abordar a pertinência desse tipo de música nas ruas de carnaval, visa tratar de “algo tão importante e urgente na sociedade: o fim da violência contra as mulheres e o combate ao machismo.”²⁶

As últimas apresentaram todo seu repertório homenageando mulheres negras da música como Margareth Menezes, Mariene de Castro, Jovelina Pérola Negra, Elza Soares, entre outras, e dando visibilidade também para o bloco negro “Ilê Aiê”, apresentando a importância de sua cultura negra, além de reverenciar orixás ancestrais africanos como Exú, sendo principalmente o próprio nome do grupo “Ayabás” um reverenciador aos orixás femininos: Iansã, Oxum e Yemanjá. A todo tempo, as mulheres mandaram mensagens positivas e de força ao público feminino negro que ali estavam. Houveram três shows deste projeto, no circuito Barra-Ondina, na Praça Castro Alves e finalizando no Pelourinho, no dia 05 de março de 2019. As cantoras que participaram deste projeto levam a sua mensagem para o público feminino relacionada ao feminismo, sobre o combate às diversas formas de opressão: violências, racismo, lgbtfobia e assédio.

Durante entrevista, ao ser perguntada sobre a importância de se tratar sobre estes temas durante o carnaval, a cantora e compositora Larissa Luz relata que: “[...]precisamos usar esse espaço também como um lugar, uma plataforma de divulgação das nossas pautas, de questionamento e reivindicação[...]” (Entrevista feita a cantora Larissa Luz no ano de 2019)

Esses grupos são importantíssimos para o processo de construção da conscientização de meninas negras, já que foram por tanto tempo colocadas em um lugar subalternizado. A (r)existência de imagens que lhe representem trazem de alguma maneira, uma sensação de que também pode chegar aonde quiser e quando quiser.

Na canção “Violenta”, quando diz “Minha violência é voz! / Minha violência.” ela mostra uma maturidade e resistência conquistada com o tempo. Seu modo de lidar com as opressões e

²⁶ Informações sobre o projeto. Disponível em: <<http://www.mulheres.ba.gov.br/2018/02/2035/Campanha-Respeita-as-Mina-e-sucesso-no-Carnaval-da-Bahia.html>>. Acesso em: 15 de fev. de 2018.
Vol. 02, N. 03, Jul. - Set., 2019 · www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh

discriminações é criando estratégias de defesa e de luta a partir da sua voz. A cantora utiliza a sua voz como “arma de construção em massa”, vejo como um meio de disseminar seus pensamentos e concepções, podendo contribuir para construção de certas percepções da sociedade.

A canção “Letras Negras” é composta se baseando em uma antiga escritora, a Carolina Maria de Jesus, nascida em 1914, em Sacramento/MG, que é retratada pela própria cantora, como “alguém que lhe representa e é essencial”, na entrevista realizada no dia 1 de maio de 2018, ao programa “Cultura Livre”.²⁷

“Resistiu / infiltrou / Corroeu um sistema e foi pra cima / Muito bem Carolina”

Essa música coloca a autora como um símbolo de resistência, alguém que ia contra o sistema e que expunha sem medo quem era, ela relatava sua vida e a de quem vivia na sua comunidade, ela “Levantou a cortina da hipocrisia”. Era uma mulher letrada que sofreu bastante na vida – pelas condições financeiras e pela fome - e que mesmo assim, permanecia escrevendo.

Em virtude dessa letra, analisando o modo que Djamila Ribeiro (2018) percebe o pessoal e político como “o ponto de partida para conectar politização e transformação da consciência, isto é, para ler criticamente a experiência de opressão das mulheres.” (RIBEIRO, 2018, P. 19) Esta pode ser a forma de compreender o modo como Larissa Luz busca se posicionar nas canções, contestando padrões e levando culturas e vivências negras a partir da música política.

E na última música analisada, Larissa Luz põe o seu trabalho como um “Território Conquistado”, como um espaço que conquistou a partir do seu empoderamento, afirmação e autoaceitação como mulher negra.

É na sua afirmação sobre o seu conteúdo com fundamentos, como quem sabe o que diz e que responde a qualquer ato agressivo a partir de sua música. É a partir de suas referências que vai mirar para quem não possui conhecimento e lhe atinge através de falas ou atos preconceituosos. Em suma, como sua autoaceitação e se reafirmando, ela deixará de se enxergar como o próprio inimigo, já que estará se amando e defendendo seu corpo e sua cultura.

“Me abasteço de argumento / Conteúdo é munção / Miro e sigio. / Me olho no espelho e digo: / Não é meu inimigo / Não te quero domado não te quero contido / É território conquistado / É espaço garantido.”

E um outro trecho cantado por Elza Soares

²⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5EYIU6x8K3k>> - no vídeo Cultura Livre | Larissa Luz | No dia 01/05/2018 min: 21:36 Acesso em: 04 de março de 2019.

“Ocupamos nosso espaço / Cada passo um pedaço / agora traço uma memória / que eu sempre serei / Falo eu porque sou nós!”

Trata-se do ato de se enxergar como uma mulher negra que se expressa a partir de fundamentos e leituras escritas por outras mulheres têm muita relevância, já que foi de todo um coletivo que se construiu o seu crescimento e sua autoaceitação, resultando no seu engajamento como feminista negra. E também, sobre uma trajetória cheia de conquistas dos espaços, demonstrando sua coragem e de todas as mulheres negras que escreveram e cantaram a música politizada dentro do contexto do feminismo negro, são estes reflexos de sua resistência, um “território conquistado”.

Segundo a autora Bebel Nepomuceno (2012), que traz duas questões acerca do protagonismo negro no Brasil sobre o modo que “As mulheres negras compreenderam e souberam usar com maestria os poucos espaços de sobrevivência deixados por uma sociedade profundamente hierarquizadas por “cor” e “sexo”, e por fim relacionado “A invisibilidade a que por muito tempo foram relegadas contrapõe-se a seu real protagonismo em diversos momentos e situações ao longo dos séculos XX e XXI.”

São assuntos que nos leva a pensar na importância de que hajam meninas e mulheres como símbolos de resistência por meio da música. Decorrente do processo colonial, escravista, de mulheres negras que estiveram na luta cada qual em um espaço para transformar a sociedade, seja a partir dos movimentos negros, ou em sua vivência resistindo ao sistema, seja escrevendo, na oralidade, na música, de diversas formas houveram lutas do sexo feminino negro. Mediante essas mulheres que vieram antes, que permanecem ideias e avanços que se existem hoje, por isso a necessidade de traze-las à tona nas canções.

Ao ser questionada acerca de meninas que escutam suas músicas, no caso, que partiram para um processo de conscientização; e também sobre se ver como uma influenciadora, Larissa Luz enfatiza a sua posição como “artista que influencia outras meninas”:

Sim, eu faço por isso, eu quero ser grande por isso, eu quero estar em todos os lugares possíveis porque eu sei que eu posso vir a ser uma inspiração pra outras meninas, pra outras mulheres que estão vivendo na pele o racismo estrutural e se sentindo desmotivadas por isso[...] (Larissa Luz, 2019)

Em outras palavras, o que importa para a cantora é que sua música consiga atingir uma meta, chegando ao ouvido de meninas negras que podem se sentir representadas. A artista fala sobre garotas que lhe enviam mensagens relacionadas a “se sentirem tocadas de alguma maneira, que começaram a fazer transição de cabelos, se gostar mais, que viveram experiências

empoderadoras”²⁸ após assistirem seus shows, o que alimenta a sua vontade de escrever e cantar para este público a quem a música está destinada.

Considerações finais

O processo dessa pesquisa partiu de algumas pontuações necessárias relacionadas a “Música de Protesto. Depois foi preciso analisar como a mulher passou a se pronunciar sobre a políticas para mulheres lutando pelos seus direitos, contemplando essa parte da luta como uma fase importante com mudanças no modo das análises de um sistema de dominação excludente para as mulheres, porém sem esquecer que essa luta fez parte da perspectiva branca, as mulheres negras que estiveram diante de trabalhos, já foram consideradas donas do lar e única cuidadora de seus filhos durante o século XX, o que fez com que muitas intelectuais negras questionassem as análises feitas a essa perspectiva da mulher branca que estava colocada como universal, excluindo a realidade da mulher negra.

Diante desses dois olhares foi pensado a música política composta e cantada por mulheres negras. Estas fizeram uso de sua música uma ferramenta do que procuravam discutir, sendo introduzida por rappers e progredindo dentro de outros gêneros musicais, procurando levar seus protestos e indignações de acordo a sua realidade, sobre as desigualdades de gênero, racismo entre outras pautas, para o público de mulheres que não se viam inseridas em todo o sistema como deviam.

O tópico dois ressalta sobre as dificuldades de acesso ao rap, a entrada das mulheres neste meio que era considerado como masculino, e como ocorre todo o processo e objetivos dessas mulheres negras que compõem políticas necessárias e sobre sua resistência. Foi aumentando o número de mulheres negras que cantam sobre as opressões, assédio, racismo, sexismo, sobre aceitação e afirmação relativo a sua sexualidade negra, e principalmente se colocavam dentro de uma realidade que se ascendeu, destacavam em suas canções sobre o poder da mulher negra, o poder do *black*, e com isso, mais meninas foram se identificando com o que estava sendo cantado. A representatividade das mulheres para as meninas teve muita importância pois muitas delas se reconheciam e assumiam um novo processo identitário: se amando, se assumindo e se aceitando, enquanto negras.

A utilização dessas músicas como um possível instrumento de resistência propõe uma inovação na forma de se discutir sobre temas que no século atual vêm ganhando mais

²⁸ A experiência a que estou me referindo, se trata do ato do empoderamento, no qual se juntam um coletivo de mulheres que vão combater as desigualdades de gênero, machismo, racismo, em suma, lutas pelas causas da mulher negras (RIBEIRO, 2018, P. 135-136).

repercussão. Foi realizada uma entrevista diretamente com a cantora Larissa Luz e também analisadas algumas online, afim de trazer seu olhar como artista que canta assuntos políticos de mulheres. Em uma delas, ao ser perguntada sobre a importância da música política no contexto atual, ela diz: “[...] pra mim a arte virou realmente a ferramenta política e eu acredito que o artista precisa estar conectado com o seu tempo e com as urgências dele.”. (Entrevista realizada com Larissa Luz, no dia 5 de março de 2019) Dentro de sua perspectiva, como quem intervém com sua letra e voz, ela ressalta a importância de haver debates que geralmente são apenas discutidos em determinados meios – nos movimentos sociais e/ou políticos – assim apresentando representatividades negras que são inspiradoras, levando resistência e empoderamento para seu público neste espaço da música de protesto. Dessa maneira, provando que esses temas também podem e devem ser contidos nas letras, de acordo com o que o músico ou as musicistas buscam, tendo em vista políticas que são necessárias.

A exposição da arte da cantora e compositora Larissa Luz, por exemplo, que canta nos seus shows e em projetos, sobre realidade, desde referências de mulheres negras que estão ou estiveram na luta por tanto tempo, autoras como Carolina Maria de Jesus, Chimamanda Adichie, cantoras como Elza Soares, Mariene de Castro, a representação do bloco “Ilê Aiê” nos palcos do “Respeita as Mina” no carnaval de 2019, assim como, a exposição livremente de sua ancestralidade são ações de protesto/intervenção, que foram pensadas diante de um sistema estruturado/formado para excluir os grupos minoritários - a população negra. E ainda nessas canções, há uma possibilidade de disseminar conhecimentos, história e referências que não são reverenciadas.

O disco de Larissa Luz lançado em 2016 *Território Conquistado* foi analisado com o intuito de mostrar a música como potencial disseminadora de ideias que podem levar as meninas a refletirem/repensar sobre si mesmas. As artistas negras que compõem músicas de protesto são muito importantes para o público negro, pois suas canções servem como um grito de libertação para estas musicistas que neste século vêm se tornando representatividades para o processo de empoderamento e autoaceitação.

Na música “Descolonizada” vai tratar de uma diálogo onde a mais velha ensina a mais nova a não aceitar práticas de doutrinação, alienação ou conversão, assim fugindo da padronização estética branca e assumindo sua identidade como mulher negra; Em “Bonecas Pretas”, se defende a pauta de representatividades negras, sejam elas bonecas pretas ou outros tipos de referências inseridas em todos os espaços “por identificação transformadora”²⁹; Em

²⁹ Trecho da música “Bonecas Pretas”.

“Meu Sexo” se posiciona contrariando pressupostos sobre seus movimentos corporais como uma provocação, destacando “a pelve solta é equilíbrio”³⁰ como o uma forma de se conectar consigo – o seu corpo – e com sua ancestralidade, de se conhecer; Em “Violenta” mostra uma maturidade e a forma que resistiu diante de toda opressão sofrida. O modo que rebate as opressões, é a partir da sua voz desenvolvendo ações com sua música politizada. Em “Letras Negras”, Larissa Luz canta sobre Carolina Maria de Jesus. E por último, em “Território Conquistado”, Larissa Luz, juntamente com Elza Soares cantam sobre empoderamento, afirmação, aceitação e de toda uma trajetória voltada as suas conquistas na música e na vida, de todas as referências femininas e suas vivências que propiciaram certas compreensões e aprendizagens, desse modo, se autoafirmando e se autoaceitando, em defesa da sua cultura.

O que foi elaborado até aqui se trata de uma transformação do sistema social, como dito antes, com o passar dos séculos as concepções mudaram, seja na forma de se obter e passar conhecimento, de reconhecimento das culturas negras, no fazer refletir as possibilidades das identidades adquiridas pelo processo e de se encontrar a partir de representações, todos essas questões voltadas para a realidade da mulher negra, que além de tudo ainda sofre assédios, racismo, tem o seu corpo negro hiperssexualizado, vive em uma constante dificuldade em se aceitar pela permanência das imposições da estética negra.

Para finalizar ressalto a importância da inserção das mulheres negras dentro da música de protesto como um espaço em que se é pertinente levar pautas do feminismo negro, sobre resistência, empoderamento e também desigualdades. É notório que com o passar dos anos muitas meninas negras estão se empoderando, assumindo seus *blacks*, compartilhando mais de sua história e cultura. Com isso, as discriminações e opressões sempre vivenciadas pelas mesmas, vão perdendo lugar, e mais mulheres dão voz ao que defendem, sua identidade.

ANEXO 1:

Entrevista feita com a artista Larissa Luz, durante o carnaval de 2019:

https://docs.google.com/document/d/111lcE3xx3su-eLrk_4E2M9f0MIInyXut46mgZuH4heRQ/edit?usp=sharing

³⁰ Trecho da música “Meu Sexo”.

Bibliografias

BALANDIER, Georges. Dinâmicas Sociais. In: BALANDIER, Georges. **As Dinâmicas Sociais: Sentido e Poder**. Rio de Janeiro e São Paulo: Difel, 1976. p. 22-25

BUENO, Fernanda. O Papel e a Responsabilidade da Mídia. In: BUENO, Fernanda. **A Mulher Negra na Telenovela: Hipersexualização, Invisibilidade ou Subalternidade?**. Curitiba: UFPR, 2016. p. 31.

CALAZANS, Janaína de Holanda Costa. **A Formação de Um Gênero Engajado: Espaço, Sujeito e Ideologia na Música de Protesto**. 2012. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, UFPE, Recife, 2012.

GUILLAUMIN, Colette. “Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos”: A Respeito da Raça e do Sexo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, p.228-233, 2º semestre de 1994.

HALL, Stuart. A Identidade em Questão. In: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Da Pós Modernidade**. 10. ed. São Paulo: DP&A, 2005. Cap. 1. p. 7-13.

CUNTO, Julia; BOGADO, Maria. Na Música. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista: Arte, Política, Cultura e Universidade**. São Paulo: Schwarcz, 2018. p. 179-204.

IKEDA, Alberto T. Música Política e Ideologia: Algumas Considerações. In: V SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, 5, 2001, Fundação Cultural de Curitiba. **Não tem**. Curitiba: N Tem, 2001. p. 1 - 12.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: Gomes, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 4. p. 67-79.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social: A Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 1. p. 21-27.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras: Protagonismo Ignorado. In: PINSK, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (orgs). **Nova História Das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 382-406.

OLIVEIRA, Caio; CUEVAS, Clara Eliana. O Grito Tem Que Ser Potente: Karol Conka e o Empoderamento nas Composições de RAP Feminino Paranaense. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, v. 5, Edição Especial, p.122-141, 6 nov. 2018.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. Introdução: A "Escolha" de um Objeto Afetivo: "As Mulheres Negras Solitárias". In: **Ana Claudia Lemos Pacheco (2015) “Branca Pra Casar, Mulata Para F..., Negra Para Trabalhar”**: Escolhas Afetivas e Significados de Solidão Entre Mulheres Negras em Salvador, Bahia. Campinas: Unicamp, 2008. p. 11.

PINSK, Carla Bassanezi. Imagens e Representações: A Era dos Modelos Rígidos. In: PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História Das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-505. Músicas pegas no site de Larissa luz

MIGUEL, Luís Felipe. O feminismo e a política. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flavia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014. Cap. 1. p. 17-29.

RIBEIRO, Djamila. Introdução. In: RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 19.

RIBEIRO, Djamila. O Que é o Empoderamento Feminino. In: RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 135-136.

RIBEIRO, Djamila. Quem Tem Medo do Feminismo Negro. In: RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 51-53.

Recebido em: 25/03/2019

Aceito em: 29/09/2019